

ACESSO ABERTO

Data de Recebimento:
31/08/2026

Data de Aceite:
24/09/2026

Data de Publicação:
05/10/2026

***Autor correspondente:**

Flávia Tavares Colpas, Mestre em Agronomia, endereço eletrônico: www.leitordemundo.com.br. Telefone de contato: (11) 98101-3511; E-mail: ftcolpas@gmail.com.

Citação:

COLPAS.F, T. et. al. De onde vêm as plantas que eu como? educação ambiental no enfrentamento da cegueira botânica em um curso de férias na cidade de Sorocaba, SP. **Revista multidisciplinar em educação e meio ambiente**, v. 7, n. 4, 2026. <https://doi.org/10.51161/integrar/rema/4964>

DOI: 10.51161/integrar/rema/4964

Editora Integrar© 2026.
Todos os direitos reservados.

DE ONDE VÊM AS PLANTAS QUE EU COMO? EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENFRENTAMENTO DA CEGUEIRA BOTÂNICA EM UM CURSO DE FÉRIAS NA CIDADE DE SOROCABA, SP

Flávia Tavares Colpas^a, Jener Kandy Bayerl Bettim Luque^b, Régyla Larisa Cabral Mendonça^b

^aMicroempreendedora Individual, Leitor de Mundo Desenvolvimento Humano, www.leitor-demundo.com.br, Sorocaba, SP, 18020-290.

^bSecretaria Municipal do Meio Ambiente, Proteção e Bem-Estar Animal, Prefeitura Municipal de Sorocaba. R. Santa Maria, 197, Vila Hortência, Sorocaba, SP, 18020-216.

RESUMO

O curso de férias “De onde vêm as plantas que eu como?” foi realizado com crianças entre 7 e 10 anos, em janeiro de 2022, no Parque Chico Mendes, em Sorocaba, SP, visando familiarizar e sensibilizar crianças sobre a origem dos alimentos vegetais e seu ciclo de vida, da semente à compostagem, e para enfrentamento da “cegueira botânica”, a incapacidade de reconhecermos a importância das plantas e de perceber suas características. Via jogos cooperativos, desafios e brincadeiras, foram plantadas e colhidas plantas alimentícias e aromáticas, realizadas observações ao microscópio e em trilhas, compostagem e visitas à estufa e ao meliponário.

Palavras-chave: educação ambiental, cegueira botânica, curso de férias.

Palavras-chave: educação ambiental, cegueira botânica, curso de férias.

ABSTRACT

The summer course “Where do the plants I eat come from?” was held for children between 7 and 10 years old, in January 2022, at Parque Chico Mendes in Sorocaba, SP, to familiarize and raise children's awareness about the origin of plant-based foods and their life cycle, from seed to composting, and to tackle “plant blindness”, the inability to recognize the importance of plants and perceive their characteristics. Through cooperative games, challenges, and play, edible and aromatic plants were planted and harvested, microscope and trail observations were conducted, as well as composting practices and visits to the greenhouse and meliponarium.

Keywords: environmental education, plant blindness, summer course.

1 INTRODUÇÃO

A “cegueira botânica”, proposta inicialmente por Wandersee & Schussler (1999), tem sido utilizada para descrever a tendência humana de prestar menos atenção às plantas comparado aos animais. Já Ursi & Salatino (2002) propuseram “impercepção botânica” para evitar uma abordagem capacitista do fenômeno. Parsley (2020), por sua vez, propôs “disparidade na percepção de plantas”, remodelando os termos anteriores para enfatizar que plantas não seriam inteiramente ignoradas, mas percebidas com menor frequência e profundidade que animais. Para além de anormalidades de percepção relatadas nesses trabalhos, Albuquerque et al. (2025) defenderam que o fenômeno seria resultado de um processo evolutivo mais amplo chamado “atenção diferencial”: a mente humana hierarquizaria os elementos da natureza e, a depender do contexto, plantas poderiam não ser prioritárias na sua percepção.

O enfrentamento do fenômeno, independente da terminologia, encontra um ponto convergente entre pesquisadores: a percepção e comportamento dos seres humanos em relação às plantas podem ser modificados por experiências educativas. Inúmeras iniciativas foram descritas em espaços formais e não-formais de educação: enfoques interdisciplinares, abordagens a partir de plantas úteis e/ou nativas e aulas práticas; atividades para popularização da ciência, trilhas interpretativas e hortas pedagógicas; sequências didáticas, levantamentos florísticos e uso de tecnologias digitais; visitas a espaços verdes, itinerários formativos e produção de exsicatas e herbários; sequências de ensino por investigação e produção de livros paradidáticos (NEVES et al., 2019; ALBUQUERQUE et al., 2025; ALVES, 2025; HUNGARO et al., 2026; MARINHO et al., 2026).

Relata-se, neste trabalho, um conjunto de intervenções pedagógicas realizadas no Parque Natural dos Esportes “Chico Mendes”, em Sorocaba/SP. Criado em 1977, o espaço possui uma área de cerca de 15 hectares, com pista de caminhada, trilhas, vegetação e lagos, entre outros atrativos. Administrado pela Secretaria do Meio Ambiente, Proteção e Bem-Estar Animal da Prefeitura de Sorocaba, integra o Sistema Municipal de Áreas Protegidas, Parques e Espaços Livres de Uso Público (SOROCABA, 2015). Como parque urbano, tem como função social proporcionar aos cidadãos lazer e educação por meio de equipamentos sociais que permitam atividades contemplativas, culturais e educativas.

Durante a pandemia de COVID-19, as atividades de Educação Ambiental que ocorriam presencialmente nos parques foram suspensas. Em 2021, iniciou-se o processo de planejamento para retomar as atividades no Parque Chico Mendes, como melhorias na infraestrutura e lotação de novos funcionários. A atividade monitorada teve como objetivos familiarizar e sensibilizar crianças sobre a origem dos alimentos vegetais e seu ciclo de vida, da semente à compostagem, bem como trabalhar a cegueira ou impercepção botânica, considerando a atenção diferencial que a maior parte dos seres humanos urbanos desenvolveram com relação às plantas.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

O curso de férias foi realizado nas manhãs de 27 e 28 de janeiro de 2022, com 19 crianças de 7 a 10 anos. Após recebimento das inscrições, foram enviados aos pais e responsáveis documentos por e-mail (Informações gerais, Autorização de participação e uso de imagem e Ficha médica das crianças), com

confirmação mediante devolução.

Na chegada, foram confeccionados crachás e criados quatro grupos de crianças, que receberam coletes de diferentes cores. O curso foi coordenado pelas autoras deste trabalho e executado pela equipe técnica da SEMA/Sorocaba, contando com o apoio de monitores (estagiários e voluntários) capacitados previamente, e a participação do Núcleo de Estudos Ambientais da Universidade de Sorocaba. No total, 14 pessoas estiveram envolvidas no curso de férias, estruturado em quatro blocos (Tabela 1, Figuras 1 e 2):

Tabela 1. Atividades realizadas no curso de férias “De onde vêm as plantas que eu como?”, realizado em 2022, no Parque Chico Mendes, em Sorocaba/SP.

DIAS	BLOCOS	OBJETIVO	LOCAIS	ATIVIDADES
27/01/22	1. Eu e as plantas	Contato inicial com as plantas	Área central	Recepção das crianças Dinâmica de apresentação Jogos “perfil” (mímica) e memória
	2. Que planta é essa?	(Re)conhecer plantas aromáticas e comestíveis através da experimentação e de informações (dicas)	Estufa	Jogo cooperativo (5 estações)
28/01/22	3. As plantas e os sentidos	Ampliar a visão sobre as plantas, nas escalas macro e microscópica	Trilha, quiosque, ônibus	Coleta de plantas Desenho/colagem (painel) Observação ao microscópio
	4. O ciclo da vida	Conectar a vida das plantas aos seus polinizadores e à ciclagem dos nutrientes	Meliponário, composteira	Observação de caixas de abelhas e etapas da compostagem Visita ao meliponário e composteira piloto

No primeiro dia (Figura 1) foram realizadas apresentações e dinâmicas iniciais na área central do parque, no bloco “Eu e as plantas”, em que se buscou criar, de forma lúdica, vínculos entre os participantes e conectá-los com o tema proposto: as plantas. Uma das abordagens foi uma adaptação do jogo “perfil”, com apoio de cartões contendo imagens de plantas reais e seus correspondentes na forma de personagens. Porém, a maior parte da primeira manhã foi dedicada ao jogo cooperativo “Que planta é essa?” (bloco 2), na estufa do parque, com cinco estações: (1) odor – plantas aromáticas, (2) som – sementes e farinhas, (3) textura e cor – frutas e legumes, (4) sabor – ervas e hortaliças, (5) plantio em vasos. Em cada estação, as crianças foram convidadas a interagir com as plantas utilizando os sentidos, conforme os vegetais foram apresentados. Então, foram lidas informações/dicas para que os grupos tentassem identificá-las. As respostas foram escritas em envelopes, depositados em uma urna. Além da pontuação pelos acertos, foram atribuídos pontos extras quando mais de um grupo indicava respostas corretas e por fotos de plantas tiradas pelas crianças.

Figura 1. Atividades realizadas em 27/01/2022.



Bloco 1 – “Eu e as plantas” (acima): apresentação e dinâmicas iniciais. Bloco 2 – “Que planta é essa?” (abaixo): algumas das estações do jogo cooperativo.

No segundo dia (Figura 2), a visão das crianças sobre plantas foi ampliada. No bloco “As plantas e os sentidos”, estruturas de diferentes espécies foram observadas ao microscópio, relatando-se o que era/não era possível ver a olho nu. Também exercitaram sua visão macroscópica em uma trilha, percebendo cores, odores e sons, plantas vivas e suas partes (folhas, flores, frutos e sementes). Coletaram o que chamou a atenção, desenhando e/ou colando-as coletivamente no painel do grupo. Já no bloco “O ciclo da vida”, houve contato com alguns polinizadores observando-se caixas de abelha sem ferrão, ninhos de abelhas em árvores vivas e o meliponário. As crianças puderam acompanhar, ainda, como montar uma composteira, entendendo melhor o processo de decomposição, além de visitar uma composteira-piloto.

Figura 2. Atividades realizadas 28/01/2022



Bloco 3 – “As plantas e os sentidos” (acima): colagem em grupo e observação ao microscópio. Bloco 4 – “O ciclo da vida” (abaixo): caixas de abelhas sem ferrão e visita à composteira piloto.

3 DISCUSSÃO

A boa participação nas intervenções mostrou adequação dos espaços e faixa etária das crianças. Os blocos 1 e 4 foram realizados mais rapidamente, enquanto os blocos 2 e 3 poderiam ter sido mais bem explorados. Porém, sendo a primeira atividade pública do parque após a pandemia, foi necessário ajustar formato e tempo de acordo com os protocolos de saúde então vigentes, possivelmente afetando também a adesão ao curso (40 vagas, 30 inscrições e 19 participações efetivas).

Aliando as propostas à experiência do brincar, reconhecido como algo intrínseco à infância, utilizou-se da linguagem essencial por meio da qual a criança descobre e apreende o mundo (BARROS, 2018). Além disso, os contatos com a natureza durante a infância deixam impactos profundos, criando, em geral, memórias afetivas para o resto da vida. As vivências diretas na natureza, mesmo em ambientes urbanos, “contribuem para nosso desenvolvimento físico, mental e emocional e se traduzem na proteção de todos os seres vivos e na ampliação de nossa qualidade de vida” (ZANON, 2018).

Visitas regulares à natureza durante a infância podem ser associadas a um maior senso de responsabilidade pelo meio ambiente, sendo o distanciamento de adultos com relação a áreas naturais uma possível sequela psicológica de sua desconexão com a natureza desde o nascimento (ALMEIDA & FARIAS, 2002). Na pandemia de COVID-19, as mudanças no comportamento, atitudes e visões das pessoas com relação ao meio ambiente e a natureza mostraram que, pelo menos para uma parcela da população, vários aspectos sobre a falta ou déficit de natureza no cotidiano vieram à tona, assim como reflexões sobre hábitos de consumo (RABINOVICI & NEIMAM, 2022).

Para além da pandemia, o contato do ser humano com a natureza, em especial com plantas, tem sido alvo de inúmeras reflexões. Salatino & Buckeridge (2016) apontaram a formação insuficiente em Botânica de muitos professores, que não conseguiriam motivar seus alunos no aprendizado de seus conteúdos. Isto levaria a perdas não apenas para os alunos e para a ciência, mas também na formação de profissionais e cidadãos em uma época em que mudanças climáticas e ambientais exigem forte conscientização e colaboração de toda a humanidade. Os autores propõem como estratégias educativas a utilização de atividades de campo e laboratório e o resgate dos valores cultural, econômico e histórico das plantas.

Para Alves (2025), o ensino de Botânica ganha significado quando relacionado a experiências cotidianas. Parques e praças urbanas, mais do que áreas de lazer, seriam extensões do ambiente escolar, onde o conhecimento científico se amplia e se articula com experiências sensoriais e do cotidiano, promovendo práticas que integram as dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Albuquerque et al. (2025) sugerem, além de práticas imersivas e do estímulo do contato com plantas desde a infância, a melhoria dos materiais educacionais. Hungaro et al. (2026), por sua vez, relacionaram atividades artísticas e de divulgação científica à apropriação de conhecimentos biológicos e a habilidades de comunicação e coordenação motora. Já Marinho et al. (2026) descreveram experiências com o ensino de ciências por investigação, incentivando-as como estratégias didáticas que promovem o encantamento das crianças pelo universo das plantas.

Por fim, Carvalho (2026) aponta que “todos nós vivemos imersos em uma rede de sentidos culturais historicamente construídos em permanente diálogo com os significados produzidos pelas gerações que nos antecederam através dos séculos”. Assim, as experiências que marcaram as relações entre sociedade e

natureza são herdadas das gerações anteriores, da mesma forma que podem ser deixadas novas construções individuais e coletivas para as futuras gerações. Através de diversas intervenções e abordagens pedagógicas de Educação Ambiental, buscou-se mitigar a cegueira ou impercepção botânica de crianças em um parque urbano. Uma proposta que, além de proporcionar uma experiência sensível e significativa e ampliar percepções e a atenção com relação às plantas, alinha-se à Política Nacional de Educação Ambiental e ao artigo 225 da Constituição Federal (BRASIL, 1988; 1999).

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Nobel Penteado de Freitas, do Núcleo de Estudos Ambientais (NEAS) da Universidade de Sorocaba (UNISO) e à Gentil César Júnior, da Secretaria Municipal do Meio Ambiente, Proteção e Bem-Estar Animal (SEMA), da Prefeitura de Sorocaba.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; CANTALICE, Aníbal Silva; OLIVEIRA, Edwine Soares; SANTOS, Francisco Igor Ribeiro; SANTOS, Hemerson Carlos; LIMA, Ingrid da Silva; SILVA, João Victor Mendes; ELIAS, Letícia; ABUQUERQUE-SILVA, Marcela Maria; SANTANA, Maria Vitória Alves de; MATA, Paula Thayanne; SANTOS, Rayane Karoline Silva dos; BRITO JÚNIOR, Valdir de Moura; SANTOS, Yasmin Antonino Costa. Reframing botanical blindness and imperception through evolutionary lenses. *Acta Botanica Brasilica*, v. 39, p. 1-14, 2025. Disponível em: <https://acta.botanica.org.br/reframing-botanical-blindness-and-imperception-through-evolutionary-lenses/>. Acesso: 22 Set. 2026.

ALVES, Grazielle Almeida. Estratégias de Educação Ambiental em parques e praças urbanos para mitigar a impercepção botânica: uma revisão integrativa da literatura. Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, 2025, 44p. [trabalho de conclusão de curso]. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/items/3a174a29-a4df-4338-a320-9a08564497f0>. Acesso em: 22 Set. 2026.

ALMEIDA, M. & FARIAS, L.A. Déficit de natureza versus relações sustentáveis: quando a falta transborda e inviabiliza a vida. In: RABINOVICI, A. & NEIMAN, Z. (org.). *Princípios e práticas de Educação Ambiental*. Diadema: V&V Editora, 2022. pp 99-112. [livro eletrônico]

BARROS, M.I.A. (org.). *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018. 59p. [livro eletrônico]

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 Ago. 2026.

BRASIL. Lei federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm#:~:text=Art.,de%20vida%20e%20sua%20sustentabilidade. Acesso em: 24 ago. 2026.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Uma história social das relações com a natureza. In: _____. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez Editora, 2025. p. 69-83.

HUNGARO, Ana Regina de Oliveira; GUOLO, Paula; PUGLIESE, Adriana. A arte e a divulgação científica para o combate à impercepção botânica: possibilidades pedagógicas. *Educação Pública – Divulgação Científica e Ensino de Ciências*, v. 5, n. 2, p. 1-15, 2026. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/divulgacao-cientifica/index.php/educacaopublica/article/view/427>. Acesso em: 22 Set. 2026.

MARINHO, Anne Catharine Tavares de Azevedo; SILVA, Lilian Rebeca de Barros; FIREMAN, Elton Casado. A impercepção botânica e seus aprendizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. *Quaestio: Revista de Estudos em Educação*, v. 28, p. 1-21, 2026. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/5501>. Acesso em: 22 Set. 2026.

NEVES, Amanda; BÜNDCHEN, Márcia; LISBOA, Cassiano Pamplona. Cegueira botânica: é possível

- superá-la a partir da Educação? *Ciência e Educação*, v. 25, n. 3, p. 745-762, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/xQNBfh3N6bdZ6JKfyGyCffQ/?lang=pt>. Acesso em: 22 Set. 2026.
- RABINOVICI, A. & NEIMAN, Z. (org.). *Princípios e práticas de Educação Ambiental*. Diadema: V&V Editora, 2022. 160p. [livro eletrônico]
- SALATINO, Antônio; BUCKERIDGE, Marcos. Mas de que te serve saber botânica? *Estudos avançados*, v. 30, n. 87, p. 177-196, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/z86xt6ksbQbZfnzvFNnYwZH/?lang=pt>. Acesso em: 22 Set. 2026.
- SOROCABA (São Paulo). Lei 11.073, de 31 de março de 2015. Regulamenta o art. 23, inciso VI, da Constituição Federal. Institui o Sistema Municipal de Áreas Protegidas, Parques e Espaços Livres de Uso Público. Disponível em: www.leismunicipais.com.br. Acesso: 21 jul. 2026.
- ZANON, S. (org.). *Educando na natureza*. 1a ed. São Paulo: Ecofuturo, 2018. [livro eletrônico]